

ELIZABETH SCOTT

TE *amo*
TE *odeio*
SINTO *tua falta*

TRADUÇÃO: DÉBORA ISIDORO



75 dias

Querida Julia, adivinha, eu deveria estar começando um diário sobre “minha jornada”. Por favor. Já consigo até ver:

Querido Diário,

Enquanto sigo à deriva nesse mar louco chamado “vida”, gosto de pensar em um poema inspirador que ouvi não muito tempo atrás, um poema que me fez chorar por causa de sua beleza. Hoje, acredito realmente que cada dia é um presente precioso...

É, eu acho que não.

De qualquer maneira, embora o Dr. Marks (você não acreditaria naquele bigode, comprido e desgrenhado, tornado ainda pior pelo fato de sempre ter migalhas presas nele) viva repetindo sobre como é necessário termos um lugar para compartilhar nossas “experiências”, estou escrevendo para você.

Não quero que pense que tudo aqui tem sido inútil. Quero dizer, Pinewood é um “centro para tratamento de adolescentes”, por isso há, você sabe, o dissabor de simplesmente estar aqui, mas nem tudo tem sido ruim. Mas isso vai ficar comigo para sempre. “Esteve na reabilitação”. Exatamente como todas as outras “ ” que carrego comigo agora.

Sabe, sempre pensei que falava tudo com você, mas há certas coisas que eu devia ter dito e nunca disse. Eu devia ter falado sobre quando perdi seus óculos de sol novos. Sei que gostava muito deles. Devia ter me desculpado todas as vezes que vomitei em seus sapatos, e principalmente quando estraguei sua saia nova, aquela com o bordado de contas. Devia ter me desculpado por muitas coisas.

Sinto muito. Lamento por tudo.

Faz setenta e quatro dias que bebi meu último drinque. Sinto falta. Sinto falta de como a bebida me fazia sentir, como eu não parecia ser tão alta e idiota, como tudo ficava mais suave. Tenho até sonhado com isso. Mas já me disseram que é normal. Já me disseram que posso ir embora mesmo assim. Estou “melhor”, sabe, e o mundo está esperando.

O Dr. Marks acabou de perguntar se estou bem. Ele é meio maluco. Não sei como acabou no comando da terapia de grupo. Devia ouvir como ele fala, devia mesmo. Ele nem consegue dizer meu nome como uma pessoa normal. Amy. É muito difícil de falar? Mas o Dr. Marks sempre me chama de Amyyyyyyyy, como se o y fosse uma letra que ele não usa com a frequência necessária.

Penso em você o tempo todo. Conto a todo mundo no grupo que imagino você aparecendo para verificar tudo, um anjo com asas muito legais, mas a verdade é que imagino se você está com frio, ou se está usando aquele suéter roxo o tempo todo, porque é seu favorito, e porque sua mãe não está por perto para dizer que ele é decotado demais.

No momento, me pergunto se você está cantando uma daquelas estúpidas canções de amor que você tanto adora, e se elas ainda fazem você sorrir. Queria saber se sente saudades de dirigir pela ponte de Millertown enquanto nos revezamos para tomar o sorvete. Você sempre conseguiu roubar um pote do mercado. Se fecho os olhos, vejo você sorrindo com a colher na mão. Não tomo sorvete há meses.

Tenho chorado muito em Pinewood, e sempre por sua causa; Sei que deve parecer estranho, especialmente porque, você sabe, antes eu nunca chorava. Mas eu queria, e você também sabe disso, não sabe? Mas não podia. Sabia que, se começasse, nunca mais ia parar.

Suponho que devia estar feliz porque vou sair daqui amanhã. Acho que estou, mas o problema é que continuo pensando sobre quem quero encontrar quando chegar em casa e... não há ninguém. Você não vai estar lá.

Saudades, J.



um

Q DIA DA ALTA CHEGOU, como prometido, e eu peguei minhas coisas logo pela manhã. Não tinha uma companheira de quarto, e não queria falar com ninguém, por isso não demorei a me arrumar para ir embora. (Eu já conversava o suficiente na terapia de grupo.)

E era isso. Adeus Pinewood, agradeço por toda comida ruim e pelas “sessões de compartilhamento”. Não podia dizer que ia sentir falta disso.

Laurie, minha psiquiatra, apareceu para acompanhar-me.

— Em que está pensando?

Acho que Laurie não sabe como não fazer perguntas. Deve ser a primeira coisa que ensinam na escola de psiquiatria. Também deve ser a única coisa.

— Nada.

— É normal sentir medo – ela disse, e eu fiz aquela coisa com as sobrancelhas, aquilo que a mãe de Julia sempre dizia que era antipático.

Laurie nem parecia notar. Ela apenas disse: – Todo mundo sente medo.

Como se essa fosse uma declaração importante e profunda. – Uau, obrigada – eu disse. – Seus pais estão esperando, Amy – ela me avisou. – Estão bem ali, e muito animados para levar você para casa.

O mais doente disso tudo era que eu queria acreditar nela. Queria acreditar que mamãe e papai estavam esperando e queriam mesmo me ver. Pensava que aquela parte minha, aquela que queria que eu, minha mãe e meu pai fôssemos uma família, não o que realmente éramos, ou seja, eles de um lado, eu do outro, havia desaparecido. Pensava que a havia matado,

esmagado em pedaços tão pequenos que eles nunca mais se encaixariam. Acho que estava enganada. – Tudo bem – respondi, e fui encontrá-los.

Eles estavam na sala de espera, sentados e abraçados em um dos sofás. No meu primeiro dia em Pinewood, meus braços ficaram em carne viva onde eu havia enterrado as unhas neles, querendo ter certeza de que estava viva, e eles ficaram sentados naquele mesmo sofá, daquele mesmo jeito.

Eu me sentara diante deles e os vira agarrar a mão um do outro como se pudessem se perder, caso se soltassem. Eles me deram um quase abraço desajeitado quando me despedi, ainda abraçados e tentando me esmagar entre os dois. Aquilo havia sido muito engraçado.

Hoje eles estavam de mãos dadas outra vez, mas se soltaram e se levantaram para me abraçar. Separadamente. Foi quando percebi que hoje ia ser esquisito. Tipo, muito esquisito.

Agora sou mais alta que os dois. Não consigo acreditar nisso. Sabia que era mais alta que minha mãe, mas nunca percebi que era mais alta que meu pai. Talvez eu tenha crescido mais um pouco enquanto estava ali. Faz sentido. Dezesesseis anos, um metro e oitenta e dois de altura, e saindo de um “centro de tratamento”. Sou um sucesso.

No caminho para casa, meus pais me contaram sobre meu “novo” quarto. Meu quarto no sótão não existia mais. Eles haviam mudado toda a mobília para baixo, para o quarto de hóspedes no segundo andar, onde agora é meu quarto. Não acredito que meus pais me querem dormindo perto deles. Estranho. Mas acho que essa é mais uma esquisitice apropriada ao dia de hoje.

Porque, depois de contar sobre o novo quarto, meus pais tinham outras coisas para dizer. Eles me disseram que minha porta não teria mais chave. E que, apesar de já ter idade para tirar carteira de motorista, não terei essa oportunidade. De jeito nenhum. Eles também me disseram que eu teria que continuar vendo Laurie toda semana.

Eu dizia “tudo bem” para tudo. Acho que eles esperavam que eu discutisse, ou alguma coisa assim, porque ficavam olhando para mim o tempo todo, meu pai pelo retrovisor, minha mãe por aquele espelhinho de retocar a maquiagem.

Quando chegamos aqui a esquisitice ficou completa, porque a casa... ainda é a mesma, mas não é mais. Por exemplo, agora é azul. Minha mãe

mandara pintar a casa outra vez. É melhor que o amarelo de antes, mas não muito. Não sei como uma professora de arte pode ser tão sem noção com relação à própria casa. Quero dizer, ela consegue pintar e ensinar outras pessoas a pintar, mas não consegue perceber que uma casa azul é uma péssima ideia?

Meus pais podiam estar esperando que eu fizesse algum comentário sobre a casa. Com eles, nunca se sabe. Eu não disse nada. É uma cor nova, não uma casa nova, nem eu sou nova, nem eles são, e Julia continua longe.

Eles me ajudaram a levar minhas coisas para dentro, e depois ficamos todos em pé, olhando uns para os outros. Finalmente, eu digo: – Estou com fome – só para acabar com o silêncio. É claro que os dois querem preparar alguma coisa para eu comer. Sei que eles não fazem tudo juntos, e até ouvi algumas discussões ocasionais entre eles, mas, na maior parte do tempo, é como se fossem uma pessoa só. Não Colin e Grace. Apenas ColineGrace.

Eu os escuto na cozinha, rindo de uma piada que nunca vão me contar. Se Julia estivesse aqui eu nunca teria escutado, porque estaríamos lá fora nos divertindo. Não me importo com meu quarto, com uma porcaria de chave, ou com uma carteira de motorista, nem mesmo com a consulta semanal com Laurie. Nada disso me interessa.

76 dias

J,

Sou eu. Estou em casa, embora não me sinta em casa. Não sem você.

Joguei fora o primeiro diário que o Dr. Marks me deu, e foi melhor assim, porque havia pinheirinhos desenhados no final de cada página. Acho que devo ficar feliz por não serem ursinhos de pelúcia.

Depois de jogar fora o diário e outras coisas que ganhei em Pinenwood, panfletos, livros, e bobagens sobre sentimentos, encontrou meu velho caderno de química.

Lembra-se de química?

Eu também não. Sei que passei de ano porque eu usava uma saia curta cada vez que fazíamos prova. O Sr. Lansing era um pervertido. Nenhuma de nós fez uma única anotação durante o ano todo. Folhiei o caderno quando o encontrei, e só havia páginas em branco, uma atrás da outra, exceto por uma.

Ei, você escreveu um bilhete para mim no final dessa página.

“Vestiário depois da aula?”

Sua letra é muito mais bonita que a minha.

Acabei de telefonar para sua casa. Sua mãe desligou assim que eu disse alô.